**AS VOLTAS DOS SONHOS PERFILADOS EM TI**

*Pouco resta fazer quando não nascemos para os negócios nem para a política nem para o mister guerreiro. Nosso negócio é a contemplação da nuvem. Que pelo menos ele não nos torne demasiado antipáticos aos olhos dos coetâneos absorvidos por ocupações mais seculares.[[1]](#footnote-2)*

*Só a atenção profunda e contemplativa é, na realidade, capaz de captar o que é volátil, singelo ou fugaz*, escreveu Maurice Merleau-Ponty[[2]](#footnote-3) (1908-1961). O momento em que os meus olhos se cruzaram, pela primeira vez, com a surrealidade fórmica feita escultura de **Pedro Figueiredo (n.1974)** apeteceu-me que a hiperatividade da vida se interrompesse por momentos. Há qualquer coisa no ritmo de todos os dias que entra em contra-ciclo nas suas sugestões poéticas. A escultura é sempre mais do que a matéria, é o cheio e o vazio, o espaço ocupado e o seu entorno, é o conceito assumido e a adjacência tentacular das leituras que permite. Em Pedro Figueiredo também é sonho e é sempre o desenvolvimento de um código semiótico de interpelação do real a partir do subconsciente que a técnica consegue traduzir. Naquele meu primeiro momento de encontro com o universo feminino particular do artista, que se viria a tornar amigo, lembrei-me de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) e daquela carta, feita crónica, para o jovem Alípio, repleta de anti-conselhos que, no meu caso, me encorajaram na construção de um eu literário de combate a auto-censura sem medo da exposição; que se mune de referências sem medo de adjetivações académicas; e que usa a palavra como forma de luta, sem medo de acusações de politização da atividade criativa. Eu, como o Pedro, não nasci para os negócios, nem para a política, nem para o serviço militar. Nosso negócio é a contemplação da nuvem e percebi que comunicávamos com o mundo a partir de uma mesma energia e de um mesmo idioma: uma forma de estar que alinha os sonhos em dias e atos e que faz a vida girar perfilando idiossincrasias semânticas e vontades em direções a respostas. *A arte é, porém, em “ato de expressão”. Até Nietzsche* (1844-1900)*, que substitui o* Ser *pela Vontade, sabia que toda a vida humana terminaria numa hiperatividade fatídica, se fosse despojada de todo o seu lado contemplativo: “A falta de serenidade conduz a nossa civilização a uma nova barbárie. Nenhuma era valorizou mais os seres ativos, isto é, os inquietos. Uma das correções que urge, pois, fazer ao caráter da humanidade é desenvolver, e em grande medida, o seu lado contemplativo.”[[3]](#footnote-4)* Inquietos e contemplativos.

As esculturas de Pedro Figueiredo são parábolas, são metáforas, aliterações e pleonasmos vocabulares. São fábulas, pequenas narrativas da imaginação. Alimentam os nossos desenhos no ar que desafiam o nosso entendimento. Têm marcas, sobretudo as de resina de poliéster no cinza luminoso da matéria que adensa a estória no elemento colorido que lhe é somado: uma bola, um coração, uma lâmpada, uma joaninha, uma peça de xadrez, uma tesoura, um parafuso ou uma ausência. Composições simples em associações formais complexas. Um exagero das extremidades, um esticar dos corpos que nos sugerem sempre a geometria das coisas e uma manipulação das escalas e da relação entre os elementos. O real é referência mas é do surreal que vem a plasticidade, numa associação livre de formas e numa singular meta-leitura do que nos rodeia. Nada é o que parece ou tudo é o que nos apetece. Anti-conselhos, voltando ao poeta: *Dou-lhe anticonselhos, meu filho. E se o chamo de filho, perdoe: é balda de gente madura. Poderia chamar-lhe irmão, de tal maneira somos semelhantes, sem embargo do tempo e do pormenor físico: cultivamos ambos o real ilusório, que é um bem e um mal para a alma.[[4]](#footnote-5)* O bem e o mal, dicotomia dos sentidos. A Arte como poética e a poesia como vício, confusão da transparência pois, segundo Nietzsche, t*udo o que é profundo ama a máscara, o segredo, o ardil e o jogo*[[5]](#footnote-6). ***Aliança***, ***Cavalo Marinho***, ***Flamingo***, ***Fragmento Presente***, ***Ideia de Luz***, ***Interseção Umbilical***, ***Mãos Universais***, ***Mary Love***, ***Pôr do Sol***, ***Retrato sem Fim***, ***Sete***, ***Triângulo da Sorte*** e ***Xeque-mate*** são máscaras, consternações interiores do poeta e do escultor. São mulheres, são Medeias, são projetos surreais, são horizontes e devaneios de infância, são alucinações freudianas, são estórias, sempre as estórias dos outros que desaguam em nós, recordando Gaston Bachelard (1884-1962):

*A história – sempre a história dos outros! -, aplicada aos limbos do psiquismo, obscurece todas as potências da metamnésia pessoal. Entretanto, psicologicamente falando, os* limbos *não são* mitos*. São realidades psíquicas inapagáveis. Para ajudar-nos a penetrar nesses limbos da antecedência de ser, os raros poetas vão trazer-nos suas luzes. Luzes! Luz sem limite![[6]](#footnote-7)*

Pedro Figueiredo começa 2019 com uma exposição constituída por 13 obras que apresentam uma identificável linha estética e orientação plástica. Contudo, a insatisfação que caracteriza o seu inacabado impede-o de perseguir fórmulas. Está, antes, interessado em desafios que vão para além dos matéricos. Puros desenhos no espaço, as obras deste escultor, natural da Guarda mas residente em Coimbra (cidade onde, aliás, completou a sua formação académica), revelam-nos uma *techne* rigorosa, um saber fazer que se acompanha do saber pensar. Classicismo de execução, portanto, que soma a crueza do conceptualismo contemporâneo: são mulheres mitológicas, por um lado, e minimalismos existenciais sem género, por outro. São 13 letras do seu alfabeto de relatos *de uma ontologia das imagens e de uma fenomenologia da imaginação*[[7]](#footnote-8). Ultrapassam a escala dos comuns e dialogam com o espaço de exposição confundindo-se com os públicos: aquelas também são as nossas interseções de pensamento, aqueles também são os nossos jogos de tabuleiro, as nossas ideias, as nossas referências e as nossas superstições. 13 devaneios que também são os nossos, nesse eterno exercício de quem só está bem onde não está, como cantava António Variações (1944-1984). Inquietos e contemplativos. A Arte como exercício de catarse, combate à negritude da alma, resposta. A Arte como poesia dos dias, epílogo das horas felizes.

Pedro Figueiredo é escultor. As suas esculturas são as voltas dos sonhos que se perfilam em cada um de nós. Atos comunicantes. Arte que, não sendo vida, vem da vida, respira os seus pérfidos e sedutores detalhes. Eterna dicotomia do bem e do mal, da felicidade e da hegemonia da solidão ou, terminando com Bachelard:

*Que seria dos grandes sonhos da noite se não fossem sustentados, nutridos, poetizados pelos lindos devaneios dos dias felizes?*[[8]](#footnote-9)

*Helena Mendes Pereira*

1. ANDRADE, Carlos Drummond de – A Bolsa & a Vida (Crónicas 1). Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962. Páginas 115 a 118. [↑](#footnote-ref-2)
2. Citada em HAN, Byung-Chul – *A Sociedade do Cansaço.* Lisboa: Relógio D’Água, 2014. Página 28. [↑](#footnote-ref-3)
3. HAN, Byung-Chul – *A Sociedade do Cansaço.* Lisboa: Relógio D’Água, 2014. Páginas 28 e 29. [↑](#footnote-ref-4)
4. ANDRADE, Carlos Drummond de – A Bolsa & a Vida (Crónicas 1). Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962. Páginas 115 a 118. [↑](#footnote-ref-5)
5. Citado em HAN, Byung-Chul – *A Sociedade da Transparência.* Lisboa: Relógio D’Água, 2014. Página 33. [↑](#footnote-ref-6)
6. BACHELARD, Gaston – *A Poética do Devaneio.* São Paulo: Martins Fontes, 2009. Página 103. [↑](#footnote-ref-7)
7. BACHELARD, Gaston – *A Poética do Devaneio.* São Paulo: Martins Fontes, 2009. Página 202. [↑](#footnote-ref-8)
8. BACHELARD, Gaston – *A Poética do Devaneio.* São Paulo: Martins Fontes, 2009. Página 202. [↑](#footnote-ref-9)